

SABERES CULTURAIS, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL EM TEMPOS DE MODERNIDADE

Por uma leitura das categorias teórica da/na pesquisa¹

Maria Roseli Sousa Santos²

Considerações Preliminares

A compreensão de produção de saberes, que aqui inicio a elucidar, está intrinsecamente relacionada ao conceito de memória e identidade. Os saberes culturais então são concebidos como acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos construídos com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo, suas representações e valores e serão discutidos no campo da pesquisa da história oral, mais especificamente no âmbito das histórias de vida. Essas anunciações conceituais emergem a partir de minhas primeiras imersões na realidade estudada.

A relação dialética entre tradição e modernidade estará presente neste estudo, pois os saberes culturais que estamos nos referindo estão presentes na história de vida de jovens e adultos que habitam a Ilha de Caratateua³, na cidade de Belém, e são referenciais das histórias de vida dos ribeirinhos e trazem a percepção que essa população tem de sua própria realidade. Esses saberes têm uma rica dimensão artística e estética. O ir e vir por entre as águas dos rios, traduz uma pequena parte da cidade que se desnuda em expressão de um modo de vida e, os saberes culturais que transitam nesses rios refere-se à produção da vida cotidiana das pessoas que nela atuam seus sonhos, crenças, religiosidades; anseios, conflitos e limites explicativos frente à suas leituras de mundo.⁴

As situações da vida cotidiana serão entendidas como espaço de relações dialetizadoras e expressa uma imagem que não se restringe a sua leitura social, política, cultural e econômica, mas também, aos aspectos ambientais e simbólicos.

¹ Texto parcial da dissertação **ENTRE O RIO E AS ARTES**: uma cartografia dos saberes artístico-culturais emergentes das histórias de vida de jovens e adultos na Ilha de Caratateua, pesquisa desenvolvida no Curso de Mestrado em Educação no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará.

² Professora de Arte, mestranda do Curso de Mestrado em Educação/Saberes Culturais do Centro de Ciências Sociais e Educação /CCSE da universidade do Estado do Pará, 2005.

³ Região metropolitana de Belém, a ilha de Caratateua está a 18 km do centro urbano e continental. Caratateua com seus 360 m de extensão se encontra situada em uma península estuarina de desembocadura amazônica, tem suas referências culturais que necessitam ser consideradas se compararmos ao movimento cultural e educacional da zona urbana do município.

⁴ Termo utilizado pelo educador Paulo Freire.

Para melhor compreender os saberes culturais emergidos dos saberes dos ribeirinhos, será necessário aprofundar a discussão sobre saberes culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade, assim como, elucidá-los à luz das discussões acerca do paradigma e da crise da ciência moderna, tendo as categorias de análise dos conhecimentos imersos no âmbito da pesquisa que trata da história oral.

Início buscando a compreensão das mudanças de paradigmas e a crise que se instala na modernidade, para tanto recorro ao discurso filosófico da modernidade de Jürgen Habermas, alemão, nascido na cidade de Duesseldorf, em 1929, considerado um dos últimos representantes dos teóricos da teoria crítica da Escola de Frankfurt, que se debruçou sobre a análise das sociedades contemporâneas, e ainda, como estou tratando de saberes culturais tidos como conhecimentos construídos a partir das formas de viver e compreender o mundo, discutida no campo da pesquisa da história oral, estabeleço relações com o debate sobre memória e identidade social apresentada por Michael Pollack (1948-1992), nascido em Viena, Áustria teve incursões pelo Brasil como professor visitante do Museu Nacional.

Parto dessas referências teóricas como aporte na apropriação dos saberes culturais ribeirinhos porque há toda uma peculiaridade na realidade cultural desses sujeitos que as trazem e traduzem em suas histórias de vida permitindo, ainda, a compreensão das relações dialógicas que ocorrem entre saberes culturais da realidade local e os saberes instituídos historicamente, suas representações identitárias, seus modos de resolução de problemas no processo de leitura de mundo entre o tempo presente e o tempo passado.

Habermas e Pollack – Do paradigma da ciência e da crise da modernidade à construção da memória e identidade social.

Estamos na era cibernética, milhares de pessoas trocam informações entre si, através de diversos recursos tecnológicos e em distâncias inimagináveis; uma interação que permitem ver e ouvir num processo simultâneo. Os ‘sujeito de conhecimento’ , na sociedade contemporânea já superaram a compreensão que o mundo começa a partir do conhecimento da Natureza ou de Deus. O paradigma clássico de ciência assentada no naturalismo aristotélico e na fundamentação

de Platão e Santo Agostinho e depois atomista⁵ se esvai pelas novas descobertas. A lógica positivista e o método experimental se deslocam para uma nova ordem de compreensão do conhecimento elucidado pelo trânsito entre o real e o racional. É com esses novos pressupostos que se inaugura um período antropocentrismo que vai de Copérnico (1473-1543) a Kant (1724-1804); a razão, então, se constitui o elemento unificador entre saber e ética. É ela que permite a assimilação do particular, do concreto.

O cenário entre o passado histórico e as perspectivas de futuro será o lugar por onde transitará o sentido de modernidade nesta pesquisa, portanto as ‘vozes’ de Habermas e Pollack se apresentam como referência epistemológica. O ponto de convergência que se vai estabelecer entre esses autores na compreensão de que ambos tratam do sentido histórico e dialético da tomada de consciência frente à realidade contemporânea; sua natureza coletiva e social submetida as constantes transformações, e ainda, o sentido das identidades sociais.

Habermas propõe com clareza a necessidade de superação do paradigma da consciência o que conduziria à emancipação humana através do uso da razão. A visão racional reducionista e instrumentalista põe a modernidade em crise, sendo esta um projeto inacabado. Ao discutir a consciência de tempo da modernidade e sua necessidade de autocertificação, nos elucidamos que esse processo transitivo que se estabeleceu na racionalidade moderna na Europa ocidental, as ciências empíricas modernas, as artes tornadas autônomas e as teorias morais e jurídicas foram sendo conduzidas para aprendizados teóricos, estéticos ou práticos morais; ele apresenta que esse período como de transição para um novo período, a modernidade. Para Habermas, Hegel foi o primeiro filósofo que se deteve num conceito de modernidade, e se responde por um conceito de época. Para ele (2000,p.09):

(...) os “novos tempos” são os “tempos modernos”. Isso corresponde ao uso contemporâneo do termo em inglês e francês: por volta de 1800, *modern times e temps modernes* designam os três séculos precedentes. A descoberta do “Novo Mundo” assim como o Renascimento e a Reforma, os três grandes acontecimentos por volta de 1500, constituem o limiar histórico entre a época moderna e a medieval.

(...) perderam o seu sentido puramente cronológico, assumindo a significação oposta de uma época enfaticamente “nova”. (...) o conceito profano de tempos modernos expressa a convicção de que o futuro já começou: indica a época orientada para o futuro, que está aberta ao novo que há de vir.

Para Habermas, a correlação entre os novos tempos e as épocas passadas apresentam as novas experiências do progresso; há uma aceleração do tempo histórico e a percepção da não

⁵ Consideravam as questões referência a Deus, à alma humana e à ética de relevância superior a todas as formas de conhecimento.

simultaneidade cronológica . Nesse processo, a história é geradora de problemas e o tempo é experienciado por não dar conta de resolvê-los. E assim, vai se processando o sentido de movimento, num princípio de continuidade.

Os pressupostos histórico-conceituais assentados na filosofia hegeliana apresentam que os problemas da cultura ocidental quando se referem à consciência histórica moderna, não quer tomar dos modelos de outras épocas os seus critérios e orientação, emergem de si mesma as suas normatividade, assim há um incansável sentimento de “novos tempos” recheados de significadas como o de revolução; progresso, emancipação, crise, desenvolvimento, ao mesmo tempo, que há um sentido de inconformismo no espírito dos modernistas, põem-se a questionar os modelos anteriores. Mesmo diante dos avanços das teorias de Hegel, Ao acreditar que a modernidade já nasce em sua fase crítica, Habermas critica as teorias de Hegel por não dar conta de superar o paradigma da consciência⁶.

É nesse movimento que Habermas ao analisar as teses de filosofia da historia de Walter Benjamin revela que este, quando atribui a todas as épocas passadas um horizonte de expectativas insatisfeitas e ao presente orientado para o futuro designa a tarefa de reviver na reminiscência um passado que cada vez lhe seja correspondente e , ainda, um sentimento de responsabilidade sobre os destinos que do ainda virão e sobre os desígnios dos que se passaram. O que está presente nestas análises é um sentido ético que se tenciona pelas pressões dos problemas do futuro. Para ele a reparação anamnésica de uma injustiça, não reparada, mas reconciliada pela reminiscência, integra o presente por uma solidariedade universal.

Há em Habermas, no entendimento sobre solidariedade universal⁷, a mesma busca realizada por Michael Pollack quando destaca que é na compreensão de memória histórica que reside o sentido de identidade; pra ele *a priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, mas ela é, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno que emerge das transformações sociais e inconstâncias.

⁶ A produção do saber é resultado de uma gênese ou de uma história que nascem pelas oposições sucessivas e dialeticamente articuladas entre a certeza do sujeito e a verdade do objeto.

⁷ Quando recorre a Benjamin para a compreensão das épocas passadas e suas incursões sobre o tempo presente, mesmo elucidando uma crise instaurada por uma tensão criada pelas frustrações e expectativas dessa relação.

Memória e identidade: entre a cultura e a barbárie.

Memória não é algo do passado, é um fenômeno que traz em si um sentimento de continuidade e de coerência, seja ele processado individualmente ou em grupo em reconstrução em si, torna-se o fator preponderante para o entendimento de sentimento de identidade.

Se para Pollack a identidade é como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, o que ela se mostra aos outros e a si, o que ela acredita de si e que quer dos outros a mesma crença, que interferência do espírito de modernidade essa identidade sofre em sua dimensão social? Na construção da identidade, para ele, há uma necessidade de negociação e é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade. A construção da memória e identidade social se estabelece por conflitos sociais e intergrupais e em conflitos que opõem grupos políticos diversos, então, cabe mais uma reflexão: O que se instaura nessa construção de identidade ao considerar que os saberes se constroem em relações dialéticas que fazem rupturas entre as certezas e as verdades sobre os seres e as coisas?

A compreensão de como a crise da modernidade anunciada influencia a construção da memória e identidade social pode estar longe de ser entendida se não compreendermos como a discussão sobre a consciência moderna de tempo se apresenta para nós. Habermas analisa a polemica apresentada por Benjamin contra o nivelamento da apreensão que o materialismo faz da história, em termos de teoria da evolução social. Ele elucidava que (2000,p.20):

...dirige-se a uma tal degeneração da consciência de tempo da modernidade, aberta ao futuro. Onde o progresso coagula, tornando-se norma histórica, é eliminada da relação do presente com o futuro a qualidade do novo, a ênfase no começo imprevisível. Nesse sentido, para Benjamin o historicismo é meramente um equivalente funcional da filosofia da história. (...) “O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de presente que não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente *aquele* presente em que ele mesmo escreve a história.

Para Habermas, há em Benjamin uma insatisfação com a variante do pensamento histórico sobre a consciência moderna de tempo, para ele considerado radical, ele vai buscar no passado suas convicções. Ele nos diz que (2000,p.22):

Mas seus textos permitem concluir que ele desconfia *igualmente* tanto do tesouro dos bens culturais legados, que devem passar a ser posse do presente, como também da assimetria da relação entre atividades apropriadoras de um presente orientado para o futuro e os objetos apropriados do passado. Em virtude disso, Benjamin propõe *uma drástica inversão* sobre o horizonte de expectativa e o campo de experiência.

O que Habermas elucida da Tese 5 de Benjamin é que essas inversões apontam dois pensamentos que podem se combinar: um relacionado à cultura e a barbárie advinda da continuidade de contextos de tradição e outro que traz em si a idéia que as gerações do presente carregam as responsabilidades do futuro e injustiças sofridas pelas gerações passadas, ele anuncia que a força libertadora da rememoração deve dissipar a culpa do presente com o tempo passado: “Uma vez que irrecuperável é uma imagem do passado que ameaça desaparecer com cada instante que não se reconhece visado por ela”.

O estabelecimento de relações entre a consciência moderna de tempo e a construção da memória e identidade em Pollack pode ser percebido quando este faz aproximações acerca da própria história da França e diz que há algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, e que vão para além do simples entendimento dos acontecimentos ou fatos históricos não trabalhados pela memória. Para ele há uma apreensão de identidade social que envolve os acontecimentos, personagens e lugares, fundados em fatos concretos. Para ele(1992,p.202):

A Primeira Guerra Mundial deixou marcas muito fortes em certas regiões, por causa do grande número de mortos. Ficou gravada a guerra que foi mais devastadora, e freqüentemente os mortos da Segunda Guerra foram assimilados aos da Primeira. Em certas regiões, as duas viraram uma só, quase que uma grande guerra.

O que ocorre nesses casos são portanto transferências, projeções. Numa série de entrevistas que fizemos sobre a guerra na Normandia, que foi invadida em 1940 pelas tropas alemãs e foi a primeira a ser libertada, encontramos pessoas que, na época do fato, deviam ter por volta de 15,16,17 anos, e se lembravam dos soldados alemães com capacetes pontudos (casques à pointe). Ora, os capacetes pontudos são tipicamente prussianos, do tempo da Primeira Guerra Mundial, e foram usados até 1916, 1917. Era portanto uma transferência característica, a partir da memória dos pais, da ocupação alemã da Alsácia e Lorena na Primeira Guerra, quando os soldados alemães eram apelidados de "capacetes pontudos", para a Segunda Guerra. Uma transferência por herança, por assim dizer.

As referências históricas de Pollack nos remete ao que Habermas destaca quando recorre a Benjamin para deixar claroproposta sobre a *drástica inversão* sobre o horizonte de expectativa e o campo de experiência sentido de que a força libertadora da rememoração deve dissipar a culpa do presente com o tempo passado: “Uma vez que irrecuperável é uma imagem do passado que ameaça desaparecer com cada instante que não se reconhece visado por ela”.

Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas e articuladas, ora separadas, ou mesmo vão faltar no relato ou na biografia. De alguma forma na história de vida de uma pessoa vai estar presente tempo presente e um tempo passado, como anuncia Pollack (1992.p.201):

[...] Quando fizemos entrevistas com donas de casa da Normandia que passaram pela guerra, pela Ocupação, pela Libertação etc., as datas precisas que pudemos identificar em seus relatos eram as da vida familiar: nascimento dos filhos, até mesmo datas muito precisas de nascimento de todos os primos, todas as primas, todos os sobrinhos e sobrinhas. Mas havia uma nítida imprecisão em relação às datas públicas, ligadas à vida política.

A história de vida comporta o que Pollack chama de, *algo de invariante* e que ao ser relatada pelo entrevistado aparece recorrente, seja uma história de vida individual ou coletiva, como se houvesse elementos irreduzíveis no seu grau de importância não permitindo mudanças; ele apresenta esses elementos como *algo* que torna-se parte da própria essência da pessoa, tornam-se realidade, mesmo que muitas vezes se modifiquem em outras falas. Esse aspecto apresenta-se sob dois enfoques: um relacionado aos acontecimentos vividos pessoalmente e outro, vivido pela coletividade ou grupo que a pessoa faz parte, que ele denomina “por “tabela, este último acontecimentos que nem sempre a pessoa participou mas, em seu imaginário há um sentido de pertencimento que é impossível conceber a não participação.

Pollack confere ao imaginário uma dimensão tão forte que pode ocorrer o que ele chama de fenômeno de projeção e identificação com determinado passado que em seu estudo sobre as camisards, remete ao livro de Philippe Joutard, apontando que podemos falar numa memória quase herdada. Ele nos diz que(1992,p.200-201):

... podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.

(...) A memória da África, seja dos Camarões ou do Congo, pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento. Outro exemplo seria o da segunda geração dos *pieds noirs* na França, que na verdade nem chegaram a nascer na Argélia, mas entre os quais a lembrança argelina foi mantida de tal maneira que o lugar se tornou formador da memória.

O entendimento de que a apreensão da identidade social envolve pessoas e acontecimentos fundados em fatos concretos apontam que a consciência de tempo moderno se institui na mesma dimensão da tomada de consciência que a pessoa tem de si e desses acontecimentos em relações de reciprocidade e dialeticidade, seja de forma individual ou coletiva, superando, como propõe Habermas, o paradigma da filosofia da consciência à instauração do paradigma da compreensão; da emancipação humana no uso da razão.

A tomada de consciência do tempo presente traz a tona às reminiscências do passado e, mais ainda, projeta as perspectivas futuras alicerçadas pelos seus conflitos e acertos. A marca pessoal e coletiva na dinâmica pública e privada vão delineando seu sentido de pertencimento e projeção.

Essas apropriações constituem-se em aportes teóricos fundamentais para o estudo das histórias de vida de jovens e adultos na Ilha de Caratateua, que estão se instituindo em suas primeiras incursões, ainda que pela pesquisa empírica, mas, já anunciam que a pesquisa da história oral terá um longo percurso investigativo no sentido elucidar as relações dialógicas que ocorrem entre saber formal e realidade local e que resultarão numa cartografia desses saberes e representações sociais daquela comunidade.

REFERENCIAL

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social** In:Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5, Nº 10,1992.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes,2000.